

Notas e Comentários

Tese de doutoramento sobre Leonardo Coimbra: a primeira na Universidade portuguesa *

Entre o muito que já se escreveu sobre Leonardo Coimbra (nomeadamente, aquando do centenário do seu nascimento, em 1983, e do cinquentenário da sua morte, em 1986) esta é, certamente, a obra que ainda faltava. No panorama crítico do pensamento do filósofo portuense passou a ocupar o lugar cimeiro. Escrita em 1983, esteve semi-oculta e reservada aos arquivos da Universidade de Évora, onde foi apresentada como dissertação para doutoramento, até 1992. Por certo e lamentavelmente, prisioneira das malhas da burocracia ou dos déficits orçamentais. Foi apresentada ao público pelo Embaixador e Professor José Augusto Seabra, na Faculdade de Letras do Porto, no dia 20 de Janeiro de 1992, em conferência muito apreciada, e pelo próprio autor, em entrevista ao «Jornal de Notícias» (Porto, 21 de Janeiro de 1992, p. 38).

É a obra que verdadeiramente ainda faltava, antes de mais, por ser a primeira tese de doutoramento sobre Leonardo Coimbra, apresentada e defendida na Universidade portuguesa. Todos sabem como nesta, tradicionalmente, é elevado o nível de exigência metodológica, de amplitude e novidade científica, para estes trabalhos. Pode dizer-se que não constituem, apenas, a prova da capacidade do seu autor para investigar e contribuir para o progresso de uma ciência, mas de que já alcançou a maturidade nessa tarefa.

Seguidamente, pela novidade da temática: a pedagogia de Leonardo Coimbra, pela primeira vez tratada autónoma e globalmente; pela profundidade e âmbito da investigação, fundamentando-a até ao nível filosófico e metafísico, abrangendo todos os livros e escritos dispersos do filósofo criacionista, com alguns dados novos sobre a sua bibliografia; pela recolha e seriação da mais completa bibliografia (activa e passiva) de Leonardo Coimbra, que serviu de base

* PATRÍCIO, Manuel Ferreira — *A Pedagogia de Leonardo Coimbra: Teoria e Prática*. Porto: Porto Editora, 1992. 679 p.

ao mais rico acervo de referências; pela inserção da temática pedagógica leonardina, não apenas no contexto do seu próprio pensamento e da sua vida, mas também no contexto cultural e pedagógico português e da agitada ambiência social e política da época em que viveu; pela consideração não apenas sistemática, mas genética e evolutiva do pensamento pedagógico de Leonardo Coimbra; pela tomada de posição clara e documentada em todas as controvérsias que a personalidade e a obra de Leonardo ocasionou, durante a sua vida e após a sua morte, até aos nossos dias; pela referência e apreciação de todos os principais estudos sobre a temática leonardina até hoje publicados.

Por razões várias, não é possível descer ao pormenor nesta apresentação crítica. Limitar-nos-emos a sumariar o seu conteúdo, acompanhando-o de algumas observações valorativas.

A Introdução cumpre perfeitamente a sua função metodológica: depois de determinar o objecto da obra e o seu propósito, declara as fontes e o método.

O objecto da obra é o estudo da pedagogia de Leonardo Coimbra, nas vertentes complementares da teoria e da prática. O termo pedagogia não é, para o autor, o mais adequado à matéria em causa, sobretudo no caso de Leonardo, pois, nos seus escritos encontra-se explanada, preferentemente, uma antropologia filosófica, envolvida num horizonte teodiceico e uma antropagogia filosófica, também com um horizonte teodiceico. Leonardo não quis apenas conhecer e compreender o homem, mas mais vasta e radicalmente, esforçar-se pela sua formação até à plenitude da sua humanidade. Por isso, depois de descrever as várias acepções do termo pedagogia, que revelam a complexidade do seu significado, e de o relacionar com os termos afins — pedologia, didáctica, andrologia — o autor defende que ele é hoje inadequado a significar a concepção actual da disciplina e da actividade humana que têm por objecto a educação.

Entretanto, prefere o termo antropagogia, referido simultaneamente à teoria e à prática educativa, em vez da designação de Ciências da Educação. Depois de expôr a problemática da pedagogia em Delfim Santos e Álvaro Ribeiro, discípulos de Leonardo, condensa deste modo, a questão terminológica e a natureza da pedagogia:

«Contra a opinião moderna hoje dominante, que já não quer falar nem quer que se fale de Pedagogia, por a considerar ultrapassada e substituída definitivamente pelas Ciências da Educação — e que considera esta pretensa superação como parte do processo de separação das ciências do seio da Filosofia —, nós estamos firmemente convencidos da superioridade da Pedagogia Filosófica face às Ciências da Educação e de que estas são mero acervo de conhecimento positivo de que aquela se serve para a realização da máxima perfeição humana possível ao homem. Preferimos mesmo dizer Antropagogia em vez de Pedagogia e Anagogia Humana em vez de Antropagogia, para tudo ficar mais claro e mais certo. É em busca deste horizonte problemático que partimos para o mundo filosófico-pedagógico de Leonardo Coimbra.» (p. 15)

Esta clarificação e preferência é feita sob o influxo do próprio autor a estudar; a dissertação pretende ser um acto de defesa e uma prova da existência

da relação muito íntima da pedagogia com a filosofia. Está aqui, efectivamente, a novidade da dissertação: descobrir e comprovar este conceito e definição de pedagogia como existente nas obras de Leonardo Coimbra e por ele adoptado.

Em seguida, precisa genericamente os conceitos de teoria e de prática, para concluir que, quando se refere à teoria da pedagogia de Leonardo, quer significar o seu pensamento pedagógico e, quando se refere à prática, quer significar, primeiro, a prática por ele proposta e, segundo, a prática por ele vivida.

As fontes incluem, naturalmente, todos os livros de Leonardo já publicados, mas também todos os textos inventariados e ainda totalmente dispersos. Faz, portanto, um estudo directo e tendencialmente exaustivo de todos os textos assinados por Leonardo Coimbra. Só não tem em conta a sua correspondência, que sabe existir e está ainda por inventariar, publicar e estudar, bem como os papéis do magro espólio do filósofo, que conheceu entre o que restava da sua biblioteca pessoal.

Anote-se que a biblioteca pessoal de Leonardo Coimbra e esse magro espólio de papéis e alguma correspondência, que Ferreira Patrício compulsou e, segundo diz, não se revelaram importantes para o seu trabalho, se encontram actualmente, e desde há alguns anos, no Centro Regional do Porto da Universidade Católica, por doação da sua Família. Estão quase totalmente identificados e à espera do necessário estudo.

São incluídos, também, nas fontes toda a legislação e todo o conjunto de decisões e disposições políticas e administrativas, subscritas por Leonardo Coimbra, no *Diário do Governo*, enquanto Ministro da Instrução Pública, por duas vezes.

O método será determinado pelo objectivo em vista e pelo estado da exegese e conhecimento da obra leonardina. Esta obra é de difícil leitura. Alguns adversários chegaram mesmo a negar-lhe a qualidade de verídico pensador, julgando-a de compreensão impossível. Daí que seja necessário fazer uma abordagem dos textos, ao pé da letra e na sua totalidade: «uma leitura límpida e rigorosamente cingida à própria escrita do filósofo» (p. 18). Deste modo, porá em evidência «a perfeita inteligibilidade, o rigoroso e empolgante sistematismo do seu pensamento e o íntimo casamento deste com a sua acção» (p. 18).

Depois de uma leitura cerrada, escutando Leonardo ao pé da letra e à luz de uma interpretação global do seu pensamento filosófico, Ferreira Patrício confessa:

«Quanto mais nos embrenhávamos na leitura e interpretação dos textos de Leonardo Coimbra, mais se nos tornava evidente a grande coerência interna do pensamento do filósofo, o carácter sistemático e totalizante desse pensamento, a essencial presença da unidade na espantosa e polícroma variedade dos conteúdos e das formas. Compreendíamos cada vez melhor, na passagem das horas e dos dias, que Leonardo Coimbra tem que ser lido ao pé da letra e ao ritmo íntimo e secreto de desenvolvimento de um pensamento que então se revela extraordinariamente denso.» (p. 18)

Procurou escutar Leonardo progressivamente, criacionistamente, ou seja, sempre do menos para o mais, do baixo para o alto, do material para o espiritual. E, ao fazê-lo, recordava outras figuras que lhe eram familiares e com as quais o confrontava, tornando mais iluminado o seu pensamento. Tais são, por exemplo: Bruno, Pessoa, Pascoaes, Scheller, Heidegger.

Não apresenta Ferreira Patrício, na Introdução, o plano e a divisão da obra. Talvez porque eles estão bem patentes no Índice final. Aí se verifica que consta de quatro partes, além da Introdução, de uma Conclusão e da Bibliografia.

Na primeira — Introdução à Pedagogia de Leonardo Coimbra — trata, em capítulos sucessivos: Da Sociedade, Do Estado e Do Homem; Da Teoria da Cultura à Teoria da Razão; Da Política; e d'O Problema educativo. Na segunda — A Filosofia criacionista de Leonardo Coimbra - Raiz da sua Pedagogia — trata em dois capítulos, da Gnoseologia criacionista e da Dialéctica criacionista. Na terceira — A Pedagogia profunda de Leonardo Coimbra — apresenta, em dois capítulos, a Leitura filosófico-pedagógica de *A Alegria*, *A Dor e A Graça* e «A Pedagogia Criacionista é Anagogia». Na quarta — A Prática Pedagógica de Leonardo Coimbra — apresenta, em três capítulos, A Prática pedagógica cívica e cultural; A Prática pedagógica profissional; A Prática pedagógica governativa.

Na Conclusão retoma o conteúdo de cada uma das quatro partes, sintetizando-o e dando-o como provado.

Cada capítulo vem seguido de citações bibliográficas e de numerosas notas explicativas, que complementam o texto, explanando-o ou aduzindo informações e referências, que o enriquecem e revelam a vasta erudição do autor, ao mesmo tempo que abrem perspectivas para ulteriores investigações.

Embora não tenha sido anunciado e justificado explicitamente, o processo adoptado, como se vê deste plano e divisão, foi o da aproximação temática gradual: do mais distante e implicado no pensamento pedagógico de Leonardo Coimbra, para o mais central e profundo, na teoria, e da acção mais difusa e variegada, para a mais especificamente pedagógica e restritamente jurídica, na prática.

A parte nuclear é, sem dúvida, a terceira e nesta, o capítulo que tem como título um enunciado: A Pedagogia criacionista é Anagogia. Com efeito, aqui confluem todos os dados e incidências pedagógicas dos capítulos anteriores, demonstrando o pensamento pedagógico de Leonardo identificado com a dialéctica do seu próprio pensamento filosófico, isto é, com o movimento do sensível para o espiritual, e deste para o cósmico e do cósmico para o divino. A própria vida do pensamento criacionista é uma pedagogia. A sucessão dos termos escolhidos, e aí redefinidos, indica esse movimento ascensional e em expansão: pedagogia, antropagogia, anagogia, pan-anagogia. A pedagogia de Leonardo Coimbra é aí classificada como platónica e cristológica.

Dado que Leonardo não tem uma teoria pedagógica sistematizada, sendo poucos os escritos em que versa exclusiva e directamente a temática educativa,

Ferreira Patrício adoptou o processo de escolher os conceitos e temas que lhe são interiores ou afins e fez deles a grelha de análise de toda a obra de Leonardo, passando a descobrir nela todas as afirmações explícitas ou simples incidências de carácter pedagógico.

E a respeito de cada conceito ou princípio não percorreu toda a obra, verificando a sua permanência e/ou evolução. Antes escolheu aquela em que mais formalmente vinha expresso, para o determinar, completando-o com referências de outros textos que o alargam no tempo ou na sua definição. Não se trata, portanto, de analisar os escritos de Leonardo à luz de uma concepção de pedagogia e verificar se ela aí está contida, mas, antes, de descobrir o que há de pedagógico na obra de Leonardo Coimbra. E conclui que há uma pedagogia filosófica, com as características apontadas. Julgo preferível dizer uma filosofia pedagógica, pois, segundo creio, corresponde mais ao conteúdo explícito e à intencionalidade da obra leonardina ou à sua vaga de fundo.

Este procedimento levou a atentar mais na constância do pensamento criacionista do que na sua evolução e a pôr em relevo mais a sua unidade do que o seu desenvolvimento, nas várias fases. E convenhamos que foi benéfico, pois contraria mais eficazmente a opinião daqueles que o afirmam em pura dispersão, desconexo, indefinido e, por isso, ininteligível ou inclassificável.

Entretanto, aqui está um pouco a força e o limite desta dissertação, pois poderia desejar-se um mais perfeito equilíbrio entre a análise sistemática e a diacrónica, embora difícil de obter.

Salientemos as conclusões a que muito justamente o autor pôde chegar, no fim deste trabalho. Fica provada, mais ampla e solidamente do que até agora tinha sido feito, a existência, na obra multímoda e variegada de Leonardo Coimbra, de um pensamento filosófico coerente, sistemático, informado e fundamentado. Uma outra tarefa seria definir o grau da sua originalidade. Fica provada igualmente a existência, em Leonardo Coimbra, de um pensamento pedagógico consciente, coerente, completo, informado e filosoficamente fundamentado. No personalismo criacionista, de inspiração e matriz espiritualista e cristã, encontra a sua génese e o seu ideal. Fica demonstrada a vastidão, a grandeza e a superior qualidade do magistério filosófico, cultural e cívico de Leonardo Coimbra, aliado a uma prática pedagógica de clara intenção espiritualizante e humanista, no mais elevado sentido, que fez dele um Mestre, levitador de vocações para a reflexão filosófica, de discípulos que se integram numa escola ou corrente doutrinária, e se lhe confessam devedores.

Fica também demonstrado que o Professor Doutor Manuel Ferreira Patrício é um belo expositor, de grande qualidade pedagógica, possuindo uma linguagem rica, moderna, precisa, com um frasear ritmado, espontâneo, ondulante, juntando ao rigor dos conceitos, com parcimónia, a sugestão da imagem ou da metáfora viva; é um proficiente exegeta e hermeneuta, aclarando os textos em análise, manejando as noções e princípios neles contidos, por confronto e explicitação, desdobrando e definindo o que Leonardo tantas vezes deixa suposto ou simplificado, no seu estilo intuitivo, célere e didacticamente descuidado.

Por tudo isto, a obra em apreço não apenas se lê com gosto e com proveito, não é somente a obra que ainda faltava, mas também a obra imprescindível, para quantos desejem conhecer a personalidade e a vida de Leonardo Coimbra, estudar o seu pensamento, ou mais amplamente, a filosofia portuguesa, a pedagogia portuguesa, a história contemporânea das ideias sociais e políticas e até literárias e artísticas.

ÂNGELO ALVES

Professor Auxiliar da Faculdade de Teologia

Bibliografia

Filosofia. Psicologia

LABERTHONNIÈRE, Lucien — *Saggi di filosofia religiosa*. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1993. 262 p. Biblioteca di Scienze religiose; 103.

A filosofia da religião deve entender-se como resultante duma investigação sistemática, antropológica e filosófica, da experiência, dos comportamentos e respectivas formas de expressão, de cariz religioso, traduzidas em vários fenómenos culturais.

Daí a possível unidade na diversidade das diferentes tentativas de propostas. E aqui temos uma interessante chamada de atenção para reavivar a memória acerca da crise modernista.

Trata-se da reedição dum ensaio típico de Lucien Laberthonnière, editado a primeira vez e em francês, em 1903.

Como é sabido, este filósofo e teólogo (1860-1932), esteve no centro das atenções do movimento que pretendeu renovar o pensamento cristão.

Aluno de Boutroux e entusiasmado com as perspectivas de «L'Action» de Blondel, utilizou o método imanentista na abordagem da teodiceia ou teologia natural, tornando-se polémico nas modalidades propostas da relação da natureza e da graça. Pondo em questão o «intelectualismo» envolveu-se a fundo com os novos tempos, vindo a ser acusado e condenado como modernista. Pelo menos assim o entendeu o então Santo Ofício que condenou a revista «Annales de Philosophie Chrétienne» e proibiu o seu fundador e director de publicar fosse o que fosse. A esta tentativa de unanimismo, imposto pelo silêncio, Laberthonnière submeteu-se religiosamente. Esta obediência exemplar ressalta, a esta distância com o que encerrou de sofrimento injusto e inútil.

Mesmo que se verifiquem algumas ambiguidades nas explicações das relações da natureza e da graça, mesmo reconhecendo os limites da metodologia seguida, ele foi um profeta, alguém que viu primeiro que outros, os novos